

LUIZ MURAT

FELIX PACHECO



RIO DE JANEIRO

1915

LUIZ MURAT

FELIX PACHECO



RIO DE JANEIRO

—
1915

FELIX PACHECO

A arte pela arte! Era o lemma;—uma imitação ridícula do movimento francez, acolhido por alguns a quem a idéa fallia nos seus traços invisíveis, nas suas nuances vivas, mas, por isso mesmo, inacessíveis.

Vehemente foi o protesto de Hugo contra essa escola petulante e reaccionaria. Queria o grande poeta pôr o bello na mais alta verdade; o que era, no seu entender, a mais alta utilidade social.

Desfraldando a bandeira do fetchismo formal, a que se aggregavam partes insolitas de um problema esthetico, diffuso e vasio, esses hilariantes coripheus começavam por arrancar á arte a vida, a substancia exemplar, em cujo conteúdo a luz irradiava soberbamente.

Não lhe fixavam regras que resumissem porções dessa materia invisivel, servindo de motor á engrenagem universal do pensamento. Vagavam, tontos e imbelles, em torno de meia duzia de fórmulas a que não chegava o lance dos grandes em-

prehendimentos, nascido para transmittir a todas as cousas um colorido, uma vibração, uma resonancia desusada.

Essa differença pelo que é fundamental, suggestivo e grandioso, inculcava a pouca vitalidade da descoberta.

Não pôde subsistir o que não assenta no contexto real, cuja formação possui raizes vastas, intérrminas, e cuja expressão se inspira no encanto e transparencia da onda espiritual a refluir na ordem dos phenomenos physicos.

Mas o assomo de indisciplina e revolta não attingia sómente a mudança das leis que dirigem o culto da arte. Pretendia eliminar por completo o que, até então, constituia o schema sobre que o pensamento creador recalrava as peças indispensaveis ao movimento synchronico da idéa.

A arte é a expressão da belleza na plenitude do verdadeiro, centro irradiante da vida. apparelho sensível, dando expressão, movimento e côr ao bem, factor unico de todas as construcções mentaes.

Os estudos philosophicos, a leitura meditada dos grandes poetas fizeram-nos um adversario dessa pretensa escola, destinada, não a incrementar, mas a esterilisar a arte na sua fonte real, no seu pensamento indefinido, nos seus surtos soberanos.

Queríamos a idéa, mas a idéa-imagem, subtilizada nas suas linhas mais puras, menos sensíveis, mas, nem por isso, menos reaes.

Congeminal-as deixando affluisse do contacto sublime a expressão ideal, era o esforço do auctor da "Lenda dos Seculos"; era o nosso escopo tambem.

Que realidade era essa, originando-se de um brouhâhá de palavras, algumas dellas chocando-se no rythmo, destruindo, portanto, a musica do verso, a sua expontaneidade, uma das characteristics mais bellas da poesia?

Que informação podia dar-nos do culto hieratico essa anomalia representativa, sem base na imaginação, sem a technica, tão original, das perscepções, indistinctas aos sentidos vulgares?

A palavra não toava como quando emerge da agitação profunda dos grandes sentimentos. Não revelava, nem podia revelar, esse marulho que o oceano das paixões revolve, encasando-se na dôr, que, em tudo, é a razão de ser do progresso, da vida, da alegria pura.

Esse espirito instavel, essa força insita incontrastavel, que nos lança a tentativas pungentes para o fim de readquirirmos a porção de bem que perdemos, faltava á arte irrisoria da palavra sem a luz inspiradora e suggestiva da idéa.

Em vez de progredirmos, retrogradavamos.

Realmente, esboçavam a arte fria e inadequavel dos primitivos adoradores das exterioridades, quando era na mais plena idealidade do pincel que devíamos immergir a alma.

Parecia antes uma transição que um estado coherente de fórmulas lapidares.

Os assumptos, como os deuses da grosseira estatuaría hellénica, eram o Xoanon e o agalma primitivos e não uma criação gloriosa da intelligencia, transfigurada pela imaginação. Como as obras de Myron, a arte parnasiana não respirava energia espiritual. E, como esta é a expressão ideal da força creadora, não se a possuindo, era mistér pôr no seu logar alguma cousa que lhe imitasse os movimentos, a sua effusão sobre os sentidos, a sua effectividade sobre os corações.

A realidade não era, nesse desaforo da impotencia, o que se procurava implantar nas obras d'arte. Mas a ficção inconsciente, isolada, adetrada para o exito.

Nem mesmo a vida terrena, que a arte d'aquelle imaginario encerrava, polia o marmore nos relanços tragicos e alevantados da idéa.

Era na natureza que o genio de Myron concentrava os seus esforços. Havia seiva no estuar desses marmores, no modelo desses espectros, revocando episodios sanguinolentos e ferozes.

E' tambem uma arena a objectiva que as forças naturaes suscitam, como que a fixarem um limite ás energias do artista, abafadas pela compressão do horizonte terreno.

Não se respira, ali, a angustia, o enthusiasmo, a gloria de Phydias — esse Platão do marmore.

A criação supera a realidade visivel nos anseios da mente abrazada. Não ha lindes a esse forasteiro do ideal. Tudo avassala, tudo arranca,

tudo arremessa como uma barra, infinito fóra, sem se aperceber que é, ainda, um tributario da materia, um colono preso á gleba destruidora.

O modelo subjectivo é a culminancia do genio de Phidias. Nelle se exalça, expande e viceja a seiva herculea da arte, á que nada falta, nem o arremesso, nem a dextresa, nem a coragem a a affrontar-se com o desconhecido, a reproduzir o phenomeno que incende nas veias do marmore.

O vesio de se franquear tudo á fórmula, sem a minima preocupação do pensamento, não é só dar primasia á materia sobre a idéa, ao materialismo sobre a virtualidade creadora. E' mais ainda. E' tolher o bom senso, é fazer obra dos sentidos; é, no dizer de Mme. de Tencin, dirigindo-se a Fontenelle: "Não é um coração o que tendes no peito, mas um cerebro", mas esse cerebro, mesmo, atrophiado nas suas bocas perceptoras, nas suas subordinacões intimas ao influxo superior.

A' condição materialista da fórmula liga-se o contexto inocuo, a falsa substancia, o artificioso da imagem, sem amparo no extase, sem o reflexo da realidade perdida nas dobras do incognoscivel.

Ahi está a poesia, palavrosa, cheia de ficções, heterogenea, multiforme, desordenada.

O convivio dos bons exemplares já não alumiaava os poetas. Contradizia-os a obra extravagante dos successores de Rousseau, de Musset, de Lamartine, de Vigny, de Hugo. Parecia que se fechara o circulo das relações entre esses me-

diatarios da idéa e os inspirados do Materialismo esteril desagregado da sua função representativa.

Queria-se a inspiração, e só nos davam a feição chã e rude dos objectos no plano dos effeitos prosaicos. Isolava-se a natureza physica da natureza espiritual. D'ahi, a indiferença das massas diante do disparate de vozes que não concertavam ao justo na reproducção da musica e do côro invisível.

Tudo era exaggero, eufemismo, pastiche. A grandeza da dôr, que foi sempre o modelo da poesia; o compasso da idéa na sua exterioridade rythmica, na sua complexidade atavica, não desafiava a indiferença do leitor, o orgulho dos felizes. Pois si tudo era imitação, prégoeira de ruínas!

Rien ne nous rend plus grand qu'une grande douleur.

Mote dos ultimos abencerragens da longa agonia poetica, cujas origens se perdem na noite dos tempos, era tratado com desdouro, e Musset considerado um poeta de infima classe.

Havia, entre os parnasianos da nossa terra quem chasqueasse da solemnidade dessas estrophes, em que todo o residuo de um soffrimento secular se condensava na lagrima, cantando e carpindo.

Não sabiam esses levianos propugnadores de uma arte ficticia que a verdade se alongava delles

e que os sacrificios das suas aras não dariam fructo que bastasse á gloria de uma década.

Tinha-se como de nenhum valor a philosophia, base de tudo, oriente das cousas projectadas pela semi-inconsciencia do artista. As normas estreitas a que submettiam a arte amputavam a inspiração e degradavam-a. Excessos de toda ordem prejudicavam a livre expansão do verso, e era na propria preocupação, quasi dogmatica do vocabulo, que se erigia a arte.

Arte extravagante, falsa, palavrosa, engurgitada de termos, ás vezes inoportunos ou incompetentes á função, solicitada pelo rythmo, pela gradação sentimental, pelo colorido harmonico das idéas.

Esse mesmo talento, — tubo de drenagem que não perde uma só gotta d'agua, filtrando-a e conduzindo-a a escoadouro apropriado; esse mesmo decahira, e deixara de ser uma fonte de poesia para se tornar um recolhimento de quietistas.

Espiritos, aliás, apreciaveis, faziam taboa rasa das licções dos grandes mestres e deixavam-se ir á mercê de falsas opiniões, pretendendo revolucionar a França na sua literatura, nas tradições da sua cultura, no apêgo ás idéas que fructearam ao calor da verdade.

Guyau chama, com razão, a palavra — o tyrano das literaturas de decadencia; “seu culto, continúa elle, substitue o da idéa; ao envez do verdadeiro, e, por consequencia, da lei e do facto,

procura-se o effeito, isto é, uma sensação forte, revelando ao leitor um poder no autor, cujo fim é satisfazer o orgulho de um, e, ao mesmo passo, a sensibilidade do outro.”

A poesia é a renuncia do personalismo ambulatório! Emprehe a conquista dos corações pela abnegação, pelo desprendimento das paixões. Abrindo vão ás reminiscencias de outras éras, ao prestígio dos seres que erguem no coração humano a tenda hospitaleira, á cuja sombra vicejam os bens mais preciosos da existencia, forja no fluido maravilhoso das suas evocações as algemas com que nos ha de captivar, e entretece as caricias com que nos ha de embevecer, em meio ás afflicções e percalços da existencia.

A vida não é o cenobismo, como não é a expansão individual; a combinação de todos os impulsos destinados a collocar o individuo acima das outras forças sociaes, cujo objectivo é a solidariedade crescente.

No amanho dessas forças, na consideração dos factores desconhecidos, com os quaes devemos pôr-nos em contacto, reside a lei maxima, cuja salvaguarda incumbe aos professores da arte excelsa que os decadentes deprimem e inutilisam.

Essas preoccupações de escolas, essas irreverencias ao passado, que com tanta propriedade chamaram — a realidade purificada pelo tempo, é que conduzem os homens a quédas, cujos resultados são sempre fataes ás nações que verdadei-

ramente só se engrandecem nas obras monumentaes dos seus poetas.

Irreverencia é, de certo, fugir á regra bem dita que humedece e prepara a terra para a germinação, deixando que a seiva se perca á mingoa de soluços e de lagrimas.

Quem trouxe á arte nova o encanto, o prestígio, a eloquencia senão o soffrimento, o disequilibrio, o estado malsão de Rousseau?

“Da reacção contra seus soffrimentos nasceram nelle dois sentimentos verdadeiros e são — o amor da natureza e da liberdade.”

E’ nesse paradoxo, ampliado por uma feição nova do espirito, exorbitante da sua esphera natural, que é possível deparar a constancia da mesma causa produzindo effeitos differentes. A alma haure na dôr as energias para a resurreição. O cantico apologetico da liberdade, entoado por uma natureza enigmatica e soffredora, accende, na atmospheria mysteriosa em que se occultam as verdades, relampagos que nol-as mostram a meio. E’ ahi que a inspiração borbulha e a alma se sente arrebatada ás regiões supremas.

L'âme qui aime et que souffre est à l'état sublime.

O soffrimento é a pedra angular da vida. E’ por essa escada que se sobe ao paraíso e é nelle que se apuram os metaes candentes que formam o elemento primordial da fé. A sabedoria é o soffrimento. E’ soffrendo que se quebram as cadêas

e o ferro abranda e o fogo arrefece. Que maior estímulo para as obras d'arte? Que impulso vale o gemido que sáe do fundo de uma consciencia sacrificada ao bem? O holocausto é sempre uma virtude a brotar do expurgo a que submettemos o pensamento.

Pensar soffrendo, é multiplicar as probabilidades do exito no tentamen das almas para a redempção.

D'ahi, a sublimidade do martyrio, e a agonia que cessou no psalmo resôa longamente como uma alleluia nos céos.

Ora, como esquecer esse apanagio, resto avito de esperanças desfolhadas ao sôpro da adversidade?

Todo o coração é uma harpa em desespero. E' cantando o seu passado, é recordando as suas impressões, é pondo em ordem as suas lembranças que o poeta verdadeiramente attinge a culminancia da eloquencia, communicando aos que o ouvem a fé que o alenta, o enthusiasmo que o engrandece, a coragem com que enfrenta o destino.

Era, pois, a poesia, a que nos reportamos, uma poesia de convenção. O artificio, a preocupação das cousas secundarias faziam-a um arremedilho da verdadeira arte, inspirada no sentimento da época que não podia deixar de ser doloroso.

Faltando uma fé sincera, supprimindo-se Deus das cogitações philosophicas, ou substituindo-o

do-o pela natureza, arrancava-se á alma humana essa porção de sensibilidade indispensavel á fertilisação do terreno a que desejavamos dar a necessaria força para resistir á aridez do tempo.

Tudo é duvida hoje na alma humana, exclamava P. Leroux, seguindo as contorsões dolorosas de "Werther", retratando todo o fundo brumoso do genio que lhe dera vida.

Nessa expansão morbida em que se extorcia toda uma geração fanatisada pela natureza, não era possivel extrahir o arcano que illuminava o roteiro á arte, revelada nos assomos da geração a que pertenciamos.

Os philosophos engendraram a duvida; os poetas sentiram-lhe o amargor fermentar no coração e cantaram o desespero.

Com effeito, que philosophia podia ser essa, assim abalada nos seus alicerces por uma falsa visão das cousas?

Quem a interpretara; quem vibrara na substancia intima do ser, pela nova revelação biblica, que vinha pôr um paradeiro á duvida?

Manancial de pura inspiração é esse livro, o maior de todos. Realmente, mesmo mal comprehendido, não foi pequeno o numero de genios que inspirara.

"Voltei ao Antigo Testamento", dizia Henri Heine.

Que grande livro! Mais admiravel que o seu conteúdo, é, talvez, a sua fórmula, essa linguagem que é, por assim dizer, um producto da natureza,

como uma arvore, como uma flôr, como o mar, como as estrellas, como o proprio homem... A palavra apresenta-se em uma santa nudez, que nos faz estremecer."

O poder do livro incomparavel seria ainda maior se lhe houvessemos tocado o verdadeiro sentido, apalpado as entranhas luminosas em que as evocações se concretisam em collectividades, em emblemas puros de um pensamento acobertado pela palavra do proprio Creador.

Essas personagens avultam como épocas, feridas no coração pelos abalos da fé, sempre enlaivada, sempre á golilha de exegeses aterradoras ao compasso das exaltações delirantes do fanatismo ou das superstições

Não eram essas figuras que deviam erguer-se diante de nós, mas povos, despenhados do apogêo da gloria, arrancados pelos seus chefes, pelo impulso multivolo da grey, extremada no attricto ou combustão dos elementos morphologicos, que a selecção natural tão mal amanhara no seu esforço renovar.

Se se sentisse a pureza do facto na simplicidade da narração, se se houvesse eliminado o symbolo ou se se enxergasse a luz no paroxismo d'aquelles versiculos, dobrados como arvores gigantescas á furia dos vendavaes, ter-se-ia uma noção precisa do que era a Biblia, e a idéa do Creador surgiria então magestosa da nevoa de incongruencias que apparentemente esconde a verdade aos olhos do inquiridor desolado.

A despeito, porém, de se a não saber interpretar, comtudo a acção desse lyrismo realista se manifesta, a cada instante, a ponto de serem os Psalmos a poesia que nutrio toda a esthesia medieval.

Nutrigão farta que fez gigantes.

Não ha poeta que lhe escapasse ao rythmo; que lhe não tentasse o colorido, a sobriedade, o vigor, menor no sentido natural e concreto da lettra do que no maravilhoso triumpho das suas allegorias desvendadas pelo genio do sueco, que as fez resurgir á uma outra luz, no conglomerado das suas crenças, nos assomos da sua lithurgia, na bravura dos seus contextos, na vigorosa expressão dos seus enunciados.

Não foi outra a fonte onde se inspiraram Racine e Corneille, Bossuet e Pascal, Chateaubriand e Lamennais, Vigny, Lamartine, Musset e Hugo, Balzac, Flaubert e Zola.

Vêde como esse Izaias ou esse Ezechiel se expandem em sóbolos viçosos, dando sombra, a seu turno, a gerações de outros videntes.

E' pela violencia da sensação que Izaias nos transmite a percepção: não é outro o processo de Hugo e de Flaubert.

Aquelle estuar continuo, como uma cachoeira represada entre duas muralhas a pique; aquellas apostrophes; aquelle vigor no pregar, no desvendar o porvir, com os olhos fitos na ordem que se lhe desenrola em um plano desconhecido, foram trasladados para a literatura moderna, e as

suas creações sobrepujam as mirradas paginas que a ausencia da allegoria biblica deixou sem vida.

E' de grande relevancia o segundo enunciado, tocante a essa influencia regeneradora. "A caracteristica da literatura greco-latina era pintar as cousas evocando as percepções nitidas do ouvido e sobretudo da vista; as descrições classicas são maravilhas pela restituição da linha e da fórma. Ao revez, a literatura oriental e romantica, em logar de insistir sobre a percepção objectiva, insiste sobre a emoção interior que a acompanha, procura reanimar essa emoção; em logar de se apoiar sobre o sentido muito intellectual da vista, empresta tambem suas imagens ao do tacto, do olfacto, do sentido interno: chega, dest'arte, a suscitar representações muito mais precisas, embora menos formaes."

Com effeito, essesapparelhos tão uteis á arte, á poesia, eram de todo abolidos pelos grandes artistas da linha, do canon, da proporção.

Entanto, que fonte perenne de inspiração não ha no jogo das sensações que nos chegam pelos sentidos do olfacto, do ouvido e do tacto?

As fórmas não são apenas as que prelevam das perspectivas creadas pela visão. O olfacto é, tambem, um mundo digno de ser posto na harmonia das cousas estheticas.

As melhores suggestões não se originam do sentido da vista, mas do mundo menos flagrante do ouvido e do olfacto.

Crear no elemento obscuro e quasi inacessivel, a emergir desse conjuncto de fórmas invisiveis, uma arte, é abranger maior somma de actividades e sorprehender o mundo espirital na sua esplendida realidade.

Os modernos poetas, os grandes poetas, estabeleceram um verdadeiro intercambio de idéas, tomando por base a applicação systematica de instrumentos por mui poucos trabalhados.

As transposições constituem, de facto, uma das originalidades do estro lyrico. Nellas se entrelaçam e apalpam os phenomenos directos da luz e os deslocamentos ou cambiantes myste- riosas, diluidas nos phenomenos do ouvido, por exemplo.

Aguçar essa ordem de cousas, arrebatá-las no mesmo gyro harmonioso; combinal-as, como se viessem do mesmo surto ou da mesma evocação, foi o que fizeram os representantes do idealismo francez, em 1830.

Ficou mui rica, dest'arte, a palleta dos to-reutas do verso. Escandio-se-lhes o rythmo; alumiou-se-lhes a visão espirital, pela penetração no fluido imperceptivel, de onde resultam quédas maravilhosas de luz, absorpção de um elemento pelo outro, já transfigurado no estajio subsequente em que o rubro ou o glauco de uma nuvem ou de uma campina se transformam em uma nuance mais diluida, mais fugitiva, mais doce á percepção poetica..

Ver com o ouvido ou com o olfacto é, sem duvida, ampliar a esphera do verso. Reside, porventura, nessa circumstancia extranha o principal motor que impulsiona as almas e revigora a esthesia do artista. O mundo da arte é profundamente sacudido por forças desconhecidas á maioria dos homens. Penetrar nelle, extremar todas os matizes que o adornam e servem de eixo ás rotações dos astros, centros materiaes, de onde emana a vida, é augmentar a capacidade receptora e rever-se no ambiente tenuissimo, a cujas irradiações vamos buscar a Moral e o fundamento sobre que havemos de assentar as perspectivas do porvir, que tanto podem vir da philosophia como da arte.

Em geral, os parnasianos não se entregavam á contemplação deliciosa das fórmulas que o ouvido ou o olfacto crêam, na meia luz conturbada dos phenomenos dispostos sob o influxo de agentes espirituaes.

É' mistér que a palavra não traga a feição característica deste ou d'aquelle estado d'alma; mas que seja uma alliança de todas as modalidades da intelligencia. Esta evolve em um campo em que tudo é fórmula e côr. De sorte que o que chamamos som ou aroma, é, em origem, uma manifestação da luz. Cada onda sonora ou perfumosa deflagra, ao mesmo passo, em um matiz característico. É' preciso pois, aproveitar toda a prodigalidade dessa natureza exuberante e original, para podermos fazer obra de valor.

Esses tons imperceptiveis, esses traços apagados da vida ultra-terrena, não se patenteavam aos cultores da rima rica, do vocabulo pinturesco, senão exotico, dos que andavam á cata de sensações novas, nunca encontradas; dos que substituíram a imagem e o sentimento pelo palavreado mirabolante; pelo gesto hieratico, pela reconstrução artificial de um corpo em ruínas.

Não se lembravam elles de que a poesia é uma "perpetua comparação, uma perpetua metaphora que não tem sómente por fim fazer-nos ver, a um tempo, duas verdades, mas fazer-nos experimentar também duas sensações ou dois sentimentos ou um sentimento por meio de uma sensação, ou uma sensação por meio de um sentimento."

Nada, sem este. O fundo da poesia, a alma, a combustão, a sua vida, reside nelle. E é nessa transposição, nesse intercambio, nessa voragem de nuances sonoras ou de sons coloridos que se fixam os contornos da arte, alinham-se os elementos substanciaes da palavra, que a visão estreita dos parnasianos erigira em condição essencial da poesia.

Foi contra isto que nos rebellamos.

Como aquecer a phrase, o rythmo, o movimento do verso sem a imagem?

Afigurava-se-nos irradiar do termo, assim exposto, uma luz de abseonsia, um clarão de fogo fatuo.

Para se exprimir o nexos entre as cousas, a solidariedade do soffrimento e da esperança não

é mistér dispôr, apenas, do vocabulo, mas de uma sincera sympathia pelos que soffrem, de uma penetração egual do pensamento, sempre prompto a tomar o scaphandro para descer ao fundo dos corações.

Na imagem estão englobados todos os elementos da poesia. E' a expressão, o corpo, a visão, o élo invisível que une o poeta á causa do soffrimento, a fonte de todos os accidentes da vida. Exprime a subordinação da fórma á essencia; traça o diagramma da lucta, embora, muitas vezes, saiam apagadas as linhas essenciaes que relevam o principio, o molde de todas as projecções.

O ambiente, no qual se constellam as irradiações, dá ensejo a que a palavra se illumine, se responde a uma idéa qualquer. Quanto mais alta esta fôr, mais fulgurante o emblema que a enquadra. Dest'arte, procurar a palavra, por si mesma, pouco vale; só pôde deprimir a figura que devia sobreleval-a e ennobrecel-a.

Por isso disseram com razão: a imagem é o calor que faz vibrar; para o espirito é uma illustração.

O que é necessario é que ella seja uma idéa justa, uma correspondencia precisa entre a projecção e o alvo. Afóra isto, é um motivo de perturbação; o rebutalho do que servira á illuminura de um painel.

Esses surtos que muitas vezes abrem luz no caminho do incognoscível nem sempre traduzem

a projecção de um pensamento perdido nos horizontes invisíveis. O mundo intimo fornece a substancia da idealidade. Nesse amalgama irreductível agitam-se as fórmas superiores de que o pensamento extrae o colorido e o som. Os modelos não têm outro theatro. O mundo invisível é uma pynacotheca. O olhar sobrenatural do artista percorre-a e tira della o que lhe é preciso para as suas obras. Nem outra foi a escola dos Phidias e dos Polygnotos. Ali se incendem o debuxo, a graça do colorido, os encantos da illusão, a magestade ou a angustia dos heroes, postos em contacto com a arena dos sacrificios.

Toda agitação assombrosa que arrancou á dureza e á insensibilidade humana o grito de admiração, que é toda a Hellade de Cimon e de Pericles que foi senão a visão dos arcanos, illuminados para que o genio haurisse na fonte os elementos indispensaveis á resurreição da arte?

O limbo, em que jazem, immotos, os puros clarões da vida, é, ainda, a formação vacillante de um estado pouco accessível á mente do poeta ou do artista.

Não é que a fórma não resida nelle em toda a plenitude da sua belleza. E' que o não alcançamos, tal a mesquinhez do instrumento com o qual pretendemos attingil-o.

E' preciso que nos capacitemos de que o ideal de Myron e, até certo ponto, o de Lysippo, não é o humus adequado á semente reveladora. A idealidade é a immensa jazida, a que devemos pedir o

ouro com o qual abrilhantaremos as graças da poesia.

Tudo a esse toque magico se transfigura, e a propria sciencia adquire um enlevo tal que se não peja de servir de auxiliar á arte.

Amplie-se a concepção darwinica da “Origem das Espécies”; encare-se sob um ponto de vista mais elevado a lucta pela vida, lei a que estão sujeitos todos os seres, e a poesia brotará, naturalmente, do aspecto obscuro e embryonario do conceito; o theatro se ampliará, e as personagens adquirirão um conspecto e uma attitude mais consentanea com a preexcellencia e harmonia da realidade sobrenatural.

Mas, não era, tão pouco, a vida animal que enlevava a inspiração de Myron; não se adelgava a arte no prisma da realidade concreta, que é, tambem, fonte de inspiração, se se concilia com o ideal eterno, inherente a todas as manifestações terrenas.

Phidias levantou a criação esthetica ao supremo fastigio. Como nesta, a obra d’arte, qualquer que ella seja, deve respirar energia espirital; “a expressão do sentimento deve prevalecer á acção physica”.

Que é a materia para que se lhe preste o culto exaggerado de Praxiteles? Que louçanias lhe ornamentam o resalto e o entono?

Que é ella? Onde os contornos e as maravilhas que a exalçam, se lhe tirarem o elemento de vida que a anima?

Como engolphar-se no gozo dos sentidos, se outro mais alto existe na trama dos arcanos celestes, de onde em borbotões jorra a arte de Phidias?

Não será, de todo, despeciando amar nessa clareira ou sorrir nesse recanto da natureza, misturado ao balanço das tardes vernaes.

O que se quer é a alliança dos dois pólos extremos da vida, esbatendo-se na gloria de uma ficção, que participe da dupla manifestação da essencia: — no páramo onde a luz é o unico órgão dos contrastes e das affinidades, e no em cuja formação os succedaneos d’aquella revêm fórmulas cada vez menos semelhantes ás organizações espirituaes.

A Praxiteles chamou galantemente Latino Coelho o Anacreonte do marmore e do bronze. A visão se lhe engolpava no gozo dos sentidos. Era a sensação que, diluindo-se, transmittia á sua arte a palpitação, o incendio, o tumulto.

Não escapara ao critico de Demosthenes o lance em que a quédá do Olympo estruge entre as chocarrices e as mundaneidades do marmore.

Mas a deturpação da idéa, ali, como em outras nações, que a arte enriquecera, narrando ou esculpindo os seus heroismos e os seus amores, não foi tamanha que empecesse a luz de filtrar-se através as grossas camadas das paixões e dos costumes contemporaneos. Não; havia alma nessas obras primas nas quaes a materia sobrelevava, arrancando á idealidade o sceptro e a realleza.

Mas o que se pretendia, entre os cultores da fôrma, os "touristes" sem outra visão ou outro interesse que os que derivam da immobilitade dos gestos e das attitudes, era verdadeiramente contrario á arte, se a quizerem encarar na sua cathegoria sobrenatural, no seu character sobrelevante, nucleo de onde partem todos os raios destinados a illuminar o mundo.

Ahi se exauria a imaginação, e a obra d'arte ficava a oscillar no vacuo, occasionado pela deslocação da idéa, e a percepção vesanica do artista, incapaz de retel-a por maior que fosse o esforço da sua intelligencia estragada pelo attricto das aberrações mundanas.

Assim, combatemos o falso culto, e as nossas homenagens foram sempre um hymno ás graças, a cujo olhar aquecemos o nosso sonho e a nossa phantasia.

A natureza, como Rousseau a comprehendia, era o nosso roteiro. Sim; é mistér medir as cousas, sem que nos escape o fundo; apanhar-lhes a fôrma, mas sem que nos fuja a vida, que ella encerra. Abraçal-a só, não; penetral-a, sobretudo; pois só assim logramos armar o effeito, substituir o colorido apagado das cousas sem repercussão pelo arrepio tragico das emoções, pelo grito delirante da desesperança, ou, então, pelo sorriso da resignação ou a fé inabalavel no triumpho final.

Não nos esqueçamos nunca de que a vida é

um drama e que a poesia lyrica é essencialmente dramatica.

Se nos ativermos a canones, a fórmulas, a preceitos, a "partis-pris", teremos faltado á nossa missão e concorrido para o desprestigio da lei, que a investe de uma das mais nobres missões, em meio ao abastardamento dos costumes, da dobrez dos sentimentos, da abjecção dos homens, indifferentes aos compromissos em certo momento assumidos, no intuito de resgatarem as suas faltas, restaurando dest'arte os dominios da razão, ha tantos seculos vilipendiada pelas hostes do instincto.

A natureza só é verdadeiramente grande através dos sentidos espirituaes. Só estes emocionam as almas e fazem resôar todo o vasto carilhão que no fundo de cada globo chama os cren-tes ao recolhimento e á prece.

A larga visão segura dos fundamentos em que a natureza physica descansa preleva a todas as emoções e raciocinios. A lucta entre o subjectivo e o objectivo que na terra fôrma o centro de todas as especulações e phantasias, nesse plano primario da consciencia universal desaparece para que a vida palpita no conjuncto das impressões individuaes que se exteriorisam constituindo o mundo ou o scenario da sciencia e da arte.

Ora, já vêem que na existencia que nos aguarda tudo irradia do proprio estado da alma. O mundo objectivo é o theatro dos nossos proprios pensamentos. El' com a argamassa da nossa sub-

jectividade que construimos as nossas obras architecturaes, os nossos jardins, os nossos theatros, as nossas academias, os nossos museus, etc., etc.

Essa feição deriva da receptividade das idéas; esse escambo de impressões, tão original e perfeito, transforma a visão das cousas e define melhormente a arte, em tudo que ella anima.

O espectáculo de taes emoções, tomando forma para rever o pensamento, na sua fonte original, é por todos os motivos muito mais amplo e suggestivo.

Os artistas, assim surprehendidos, pela expressão palpavel da vida que se exteriorisa, como a definir-lhes o grão de desenvolvimento moral, têm das cousas que os cercam uma intuição mais clara, uma emoção mais profunda.

O que no grego immortal chamavam idealidade não era mais que o resultado de uma deslocação dos sentidos. Posto em contacto com essa natureza harmoniosa fazia della o canon das suas creações. Dest'arte, á limpidez do traço, adaptava-se um rythmo desconhecido, uma expressão cujo vigor não era licito a ninguem deparar entre as energias que por assim dizer se apalpam na relatividade das abstracções terrenas.

Immergia o imaginario no fluido creador de onde desce a luz, que, á conta da deficiencia dos nossos sentidos, chamamos mysterio. E era neste, sómente neste, que elle ia buscar os modelos para a sua grande arte.

Uma poesia, uma pintura, uma estatuaría que se não inspiram no que chamamos o ideal, ou que não fazem delle a base das suas creações, não póde resistir ao tempo com a mesma imperturbabilidade, com a mesma indifferença, com a mesma arrogancia.

São sempre frustas e imperfeitas as obras da realidade terrestre, por mais fartos que sejam os elementos que a salvaguardam, ou o brilho e a frescura que se consiga transmittir-lhes.

A vida reside no ponto em que a essencia desenha, mais de perto, o modelo, a graça, a expressão.

Pensar, crear... eis duas expressões que se confundem, duas ordens de idéas que se entrelaçam na mesma visão engrandecida pela amplitude do scenario, pela irreductibilidade do esforço superior.

Virgilio punha no acto de exprimir a idéa ou de a tirar de seu amalgama luminoso o unico prazer da vida. De facto, é a synthese do maior bem que a alma póde encontrar para resistir ao embate das cousas que se chocam e dispersam.

O verdadeiro poeta é creador; um creador de imagens, um evocador de sentimentos, um centro em torno do qual as leis mais inflexiveis da materia se dobram para deixar que o pensamento produza todos os tons necessarios á viva emanção da poesia.

Crear é, pois, a suprema felicidade, porque no acto da fagulha projectar-se sobre um plano

real de effeitos positivos, a alma desloca-se e em surto mais animado approxima-se da Divindade.

Por isso é que Victor Hugo, com razão, dizia: **Je vais causer avec Dieu**, isto é, chamava ao acto da inspiração, ao momento de transmittir os seus pensamentos aos homens uma fusão do finito no infinito, uma absorpção do conteúdo no continente, a fragmentação do bloco luminoso em scentelhas de variegados matizes, de tonalidades diversas, representando cada uma dellas a energia viva, reduzida a um colorido específico.

Pensar é a beatitude divina, é penetrar, ou, pelo menos, adivinhar com outros olhos o inconoscível.

A poesia é esse prazer elevado ao auge.

Quando o poeta recebe a inspiração assemelha-se a um deus, arrancando do chaos as maravilhas com que a vida se enaltece. De sorte que é um acto supremo de bemaventurança, o ponto mais remoto a cujas sombras vamos pedir, como Virgilio, o sussurro e o mysterio.

Crear, é decifrar enygmas; franqueal-os á comprehensão dos homens. Ora, toda vez que não fôr isto, o evocador deixa de ser um ente sobrenatural para se confundir com as vulgaridades dos imitadores de todos os tempos.

Lemos no discurso de Souza Bandeira, ao evocar o estado de espirito da geração a que pertencia Felix Pacheco: "Data d'ahi a vossa grande fascinação por Cruz e Souza, o admiravel poeta

negro, tão mal comprehendido pelos seus contemporaneos."

Mais adiante: "Como poeta, porém, que admiravel evocador de sons e de imagens, que formidavel e ao mesmo tempo delicado creador de sonhos. Parece-me ao lel-o que as harmonias errantes da nossa lingua, animadas por um sôpro extranho, insuflam almas nas palavras, fazendo-as sentir e viver como se fossem seres reaes, afim de collaborarem na deliciosa musica do rythmo."

Cita, então, Souza Bandeira um trecho dos seus "Violões que choram", terminando pela seguinte estrophe a citação:

*Vozes veladas, veladoras vozes,
Volupias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vortices velozes
Dos ventos, vivas, vans, vulcanisadas.*

Quando o illustre academico terminava o ultimo verso da estrophe, disse-nos um dos grandes poetas da Academia:

—"Melhor fôra que o Souza Bandeira alludisse ao poeta, mas sem lhe citar os versos, não achas? Desta fórmula, não ha meio de admirar-o."

Este ultimo verso, então, é um protesto contra tudo que affirmara o generoso encomiasta.

Não ha razão para esses exaggeros.

A obra de Cruz e Souza é tão commum, que não valia a pena gastar tempo com ella.

E' sempre o mesmo motivo. Só tem uma corda a "grande lyra" do poeta negro que Felix Pacheco chamou genio, Archânjo Rebellado, Ser Privilegiado e não sabemos mais o quê.

Uma corda só! Lê-se-lhe uma producção e têm-se-lhe lido todas. Não ha horizontes maravilhosos nesses quadros monotonos em que as tintas não mudam, em que a natureza reveste sempre a mesma côr e o mesmo som. Não nos verte elle o vinho que faz sentir todas as doçuras, suavidades e carinhos de uma vida sem mysterios tetricos, sem tragicas visões, sem desanimos aniquiladores, a menos que o poeta não seja um émulo dos viajores terrificos que povoam as moradas innumeraveis dessa parte do rincão tenebroso onde o Dante algemára os criminosos e fizera rugir as feras que o odio, as chiméras vans da terra e os caprichos da phantasia concupiscente alheiarão da lei que ordena o dever de amar os proprios grilhões que nos deslham os pulsos.

As rebeldias tremendas, os estos vulcanicos, as apostrophes contra o destino e as forças espirituales desconhecidas, só se comprehendem em versos deste jaez:

*Eu sou como Satan — o rebellado —
Só sei cahir trazendo o céu no punho!*

E' assim que fallam os grandes poetas, foi assim que fallou Patrocínio, olhando para a sociedade de escravos, que, sem fé no porvir, e sem

amor pelo proximo, teimava em manter no Brasil uma instituição execranda.

Grande momento foi esse em que uma geração em peso se voltava para a liberdade e lhe entoava hymnos e lóas.

O meio refazia-se á pressão irresistivel de valorosos interpretes do ideal. A politica exaltava-se ao furor das hostes que entravam para a lucta com um incentivo mais nobre, uma vontade mais forte, um coração mais desinteressado. Foi, com effeito, uma época de altruismo e de benemerencia essa em que as vaidades se fundiam em resistencia demagogica para arrancar ao turbilhão das paixões a flôr da poesia, da eloquencia e da immortalidade.

A massa intellectual que operava as idéas reproduzia as fórmulas verdadeiramente maravilhosas do desconhecido, a collaborar com os homens na realização da patria, isto é, no afan de unir moralmente o que os privilegios dispersaram ou os preconceitos contribuíram para desvirtuar e corromper.

Esse esforço geral affirmara-se na literatura também. As ousadias dos revolucionarios não iam até ás camadas inferiores da politica, mas exaltavam-se até ao verso, ao romance, á oratoria.

Todos queriam contribuir com o seu quinhão para a grande obra da liberdade. E, dest'arte, os melhores interpretes da oratoria popular não eram os politicos, mas os literatos, os jornalistas, os "frondeurs", verdadeiramente originaes e atre-

vidos, que pelas ruas, pelas redacções dos jornaes, por toda a parte, davam a nota hilariante e revolta, a resôar nos corações como um protesto, como uma affirmação de odio, como um arremesso incontido do genio invisivel que inspirava os escolhidos e fazia praça por entre os indifferentes algemados ao egoismo e á cobiça.

Era a sociedade de então, um nucleo possante de vontades resolutas, dispostas a triumphar fosse lá como fosse. As aggremações viviam desse ar puro, vivificante, do tonico dessa ambição superior insopitavel, a quem se dera o nome de Abolição dos escravos. E foi certamente essa aspiração que creara tão nobres intelligencias e aflo-rara como um incendio ás almas, carreando-as ao combate com o sorriso nos labios e a tempestade a rugir debaixo da armadura.

Fastos desses revolvem fundamente os povos e investem-os de attributos especiaes.

Não eram automatos os escriptores dessa época, já distante. Em geral, nas sociedades decadentes, não é outra a feição literaria. São quasi sempre centões as obras mais applaudidas.

A palavra e a phrase, diz alguem, vêm-lhes antes da idéa; pulem-as cuidadosamente como os velhos sobreviventes do seculo passado; arredondam com amor suas bellas reverencias; não lhes peçaes, porém, innovações.

Em meio ao fulgir das imagens, ao fremer dos anceios democraticos, ao grito de avançar das hostes em delirio, via-se Cruz e Souza sobraçan-

do o seu velho martyrio, diluindo-o em sonetos de inspiração somenos, de surto rasteiro, com um acanhado vocabulario, sem nenhuma idéa do que possa ser o absoluto nos seus aspectos terrestres, ou o mysterio nas suas proeminentissimas derivações.

Era um decadente pelo enfraquecimento e a perversão da vitalidade. Não soube resistir á invasão de inimigos que fizeram d'elle um joguete de suas zombarias, levantando-o no orgulho cego dos seus dons imaginaveis para a cada momento deprimil-o como um escravo.

A obcessão da côr matava-o, e, sem sentir a satisfação dos que revêm a gloria nas dôres do presente, no castigo das feições decompostas, irava-se ou plangia em sonetos vulgares.

A falta de gradação na distribuição das tintas tornava-lhe pesada a perspectiva. Era sempre o mesmo o seu horizonte; sempre as mesmas arvores dolorosamente curvadas sobre gramados pouco viçosos. E as virações que embalavam essas vertentes, quasi nada esbatidas ao contacto de elementos puros e desassombrados, gemiam agonias reconditas, com o mesmo dobre e o mesmo descante.

Nunca a pelle de José do Patrocinio lhe servio de estôrvo á satisfação de qualquer desejo. Era violento em tudo o terrivel tribuno. O amor da liberdade dava-lhe furias de leão no trato da belleza e da graça. A côr lhe não empecia a ventura amorosa. Feio, estouvado, ás vezes, sem re-

quebros inuteis ou ridículos, o brilho, o vigor, o arremesso da palavra ou da imagem, tornavam-o encantador. Não era fácil fugir-lhe á seducção, e n'aquelle perfil desajudado de gentilezas e donaires, quanta galanteria se não patenteava ás damas que o ouviam?

Nunca lhe notamos desgosto por não ter nascido branco. Ao contrario, julgava que debaixo da pelle negra resplandeciam melhor os thesouros da intelligencia.

A que vêm, pois, lamurias, quando uma fé exuberante no destino agita o sangue nas veias e borbulha a imagem no aparelho condensador?

Por que sentir-se nirvanizado pelas agonias titanicas de um tormento cruel, quando a flor da intelligencia desabrocha perfumosa e incende a vida com o seu balsamico languor?

Triste rebutalho foi este com que Cruz e Souza julgou constellar as alvas visões do seu estro!

Não encontrámos um só fecho de soneto seu que nos satisfizesse completamente pelo inesperado do lanço, pelo vigor do conceito, pela novidade do matiz, pela grandeza do pensamento.

Emtanto, é o que se exige desses viajores alados. Querem-se os mui vivos, apesar do seu desalento. E' uma febre que se deseja bem alta; um delirio que deve repontar em clarão.

Ouvi:

*Vê como a Dor te transcendentalisa!
Mas no fundo da Dor crê nobremente.
Transfigura o teu ser na força crente
Que tudo torna bello e divinisa.*

*Que seja a Crença uma celeste brisa
Inflando as velas dos bateis do Oriente
Do teu Sonho supremo, omnipotente,*

*Que nos astros do céo se crystalisa.
Tu'alma e coração fiquem mais graves,
Iluminados por carinhos suaves
Na doçura immortal sorrindo e crendo...*

*Oh! crê! Toda alma humana necessita
De uma esphera de canticos bendita,
Para andar crendo, para andar gemendo!*

Pouco se nos afigura haver nesse esmeril en-deosado por Felix Pacheco. Mui pouco, sim.

A avena pastoril não murmura nos gemidos da sua exaltação amorosa. E' sempre um quebranto flebil, pouco profundo e caroavel ás graças.

E' o que não ha nelle, a transcendentalidade da dôr. Esta, quando transpõe os limites da realidade e reveste aquelle character divino, deixa de ser espinho pungente para ser delicia. Quem crê absolutamente; quem se abroquela na fé, não soffre, goza.

E' preciso que os poetas pesem bem o valor das palavras. Crêr é gosar, é consubstanciar-se no Increado, é resplandecer na angelitude.

A força crente não é uma angustia, uma agonia; mas um dismantelamento de muralhas, uma irrupção de energias sagradas sob os auspicios de poderosos engenhos, a cujo influxo deixamos seguir o veleiro da intelligencia.

Vão-se-nos as magoas e os arrepios nervosos a'quelle contacto. Tudo infla e parte: tudo arranca n'um desafoço para as altas regiões, onde

amadurecem as espigas de ouro e rolam, sonoras e caprichosas as aguas bemfazejas da realidade, até então julgada um sonho pela deficiência do nosso alcance intellectual, pelas perturbações da nossa visão.

Não se compadece, pois, o gemido com um semelhante estado d'alma.

Abrigado o homem pelas azas da Crença, seu espirito fortalece-se na união sobrenatural, e sente-se capaz de lutar e vencer, e quem tem a certeza do triumpho, antegosa, não soffre.

Vejamos um outro soneto — “Alma Faticada”, por exemplo:

*Nem dormir, nem morrer na fria eternidade!
Mas repousar um pouco e repousar um tanto,
Os olhos enxugar do convulsivo pranto,
Enxugar e sentir a ideal serenidade.*

*A graça do consolo e da tranquillidade
De um céu de carinhoso e perfumado encanto,
Mas sem nenhum carnal e mórbido quebranto,
Sem o tédio senil da vã perpetuidade.*

*Um sonho lyrial d'estrellas desoladas,
Onde as almas febris exaustas, fatigadas,
Possam se recordar e repousar tranquillias!*

*Um descanso de Amor, de celestes miragens,
Onde eu gose outra luz de mysticas paisagens
E nunca mais presinta o remexer de argillas!*

Trivial, trivialissimo.

A poesia, como toda a arte, é “o rochedo de Aarão, rochedo arido, que fatiga o olhar; um ponto, entretanto, ha, do qual se póde, ferindo, fa-

zer jorrar uma fonte fresca, doce á vista e aos membros—a esperanza de todo um povo: é preciso ferir o ponto mesmo e não o lado; é preciso sentir o fremito d'agua viva através a pedra dura e ingrata.”

O mysterio cantado por poetas mediocres torna-se trivial e, ás vezes, grosseiro.

Sendo a fonte d'agua viva, que é mistér ferir, torna-se uma rocha arida, da qual se não tira o alimento indispensavel á esthesia. Em tudo é necessario agir como uma força nova, cuja acção benefica prolifere nos dados collidos pela emoção. Esta deve ser sempre original, expansiva, fortalecendo a fé nas minimas manifestações da intelligencia, no retabulo augusto onde as claridades mais remotas se decompõe em figuras soberbas, submettidas ao influxo das forças combinadas para distribuir os tons e accentuar as linhas.

Alargar os horizontes ou estender a esphera dos sentimentos ou das idéas é o que faz a superioridade do artista. Enfeixar as emoções para dellas arrancar a palavra da vida é o que determina a originalidade do que tem em vista abalar corações ou unifical-os no mesmo extase ou na mesma evocação poetica.

São sempre identicas as paizagens de Cruz e Souza. Um vocabulario pobre, uma combinação superficial de accordes que não nos enterenece nem revela os segredos do mundo que elle anheia, mas teme.

Os grandes poetas são suggestivos, antes de tudo. O lençol de harmonias que deriva, flebil e raso, das dôres profundas d'aquelle destino inglorio, não se desarma em cambiantes ternas e ardentes, não adorna o matiz dos caminhos com a graça dos pensamentos emocionados pela musica mysteriosa que desce das espheras.

O seu gemido, a sua febre, o seu aneio dispersam-se em crises de abatimento e de desesperanças que, por sua monotonia, não podem produzir o que se deve esperar dos verdadeiros esthetas.

O motivo é sempre o mesmo, quasi que diríamos, falta-lhe o vocabulario indispensavel á revelação de factos occultos ao olhar acostumado ao trivial. Não passam de meia duzia de nuanças as com que exalta as bellezas que a natureza encerra, e o fogo que arde nellas arrefece, mal chega ao objecto que elle desejava destacar do conjuncto que o attrahira.

Não sabemos como homens de valor indiscutivel, como Felix Pacheco e Souza Bandeira, puderam achar no que é terra-a-terra e monotono motivos superiores de frescura e originalidade.

Dizer que o poeta dos "Pharóes" não foi comprehendido pelos seus contemporaneos é fazer-lhes grave injustiça. E' que os bons conhecedores da poesia não podiam encontrar no seu autor aquillo que realmente elle não possuia. Essas admirações extranhas são verdadeiras idyosyncrasyas. Forças mysteriosas agem nos temperamen-

tos e predispõem-os a essas provas suspeitas da nossa desarrazoada admiração.

Affinidades remotas, elos, quasi extinctos, embora, ainda apertam as almas, derivando-as para essas emoções singulares, cujos effeitos nos espantam. Nós, antes de sermos o que somos, pertenceramos a determinadas aggremações; constituíramos sociedades; fizemos relações, cujos laços não se rompem assim. Depois de seculos, ás vezes, de separação, somos chamados ao mesmo proscenio. D'ali, a revelação de certas sympathias; a attracção por certos homens.

Se a manifestação litteraria de alguém por outrem nos impressiona; se achamos curiosos certos phenomenos de sympathia pelo trivial, não podemos deixar de ir procurar a causa nessas velhas ligações; nesse agrupamento constituido, ha longos annos, por pessoas cuja natureza espirital não differe muito.

Embora a materia exerça amplamente o seu dominio sobre a intelligencia e o gosto de cada um, comtudo, os residuos ficaram no fundo de cada consciencia, residuos que são, de resto, a razão de ser dos actos humanos.

Orgulhoso de seu estro era o poeta que Felix Pacheco tomara por seu guia, ao começo de sua vida litteraria. Mas o fremito que agitava a sua lyra não assume a grandeza que a alguns se affigura.

Os poetas illudem muito, e a originalidade nem sempre é comprehendida e admirada.

Já houve quem preferisse Theodore de Banville a Musset, e qualquer dos parnasianos, ha muito esquecidos, a Victor Hugo.

A philosophia, que serve de base á arte incomparavel do verso; a obra, em que se fundem a razão e a emoção, e que tanto enaltecera os românticos, fazendo delles verdadeiros agitadores de almas, cuja influencia tanto contribuiu para a renovação do espirito francez, essa faltou á lyrica de Cruz e Souza.

Percorre-se-lhe toda a obra e não se encontra um só conceito, que é a philosophia do verso. Ao demais, onde estão as imagens; onde a força representativa da idéa, o genio lyrico?

Nas suas visões, através a estrada dolorosa que teve de atravessar, o poeta não conseguiu animar fórmulas que nos dessem a impressão de cousas não diferenciadas, ainda, pelo olhar commum. Poucas ou nenhuma são as “transposições”, que tanto realce dão ás cousas mal percebidas pela nossa vista externa, ou órgão rudimentar que nos põe em contacto com os phenomenos da natureza physica.

A’ musica desses versos falta o contraponto, a sciencia dos accordes mysteriosos, que só um pensamento profundo é capaz de desentranhar da massa compacta de sons que a energia projecta sobre as fulgurações mais vivas da idéa.

Que differença entre a visão sem contrastes, de horizontes limitados, de perspectivas uniformes e mal esbatidas de Cruz e Souza e a soberba

interrogação, o grito de dôr, a marulhosa sensualidade do estro glorioso de Luiz Delfino!

Aqui, sim, a idéa casa-se com a fórmula ou o matiz, a philosophia com a arte.

Na vertiginosa ascensão do plectro, os rythmos dilatam-se como circulos luminosos e o theatro abraza-se de profundas vozes, qual a mais resoante, qual a mais rica de harpejos e esperanças.

O fim da arte é encantar, unir, portanto. A união faz a força, e só se une, quando pensamentos sublimes e originaes tramam a visão encantada dos dias passados ou a dos que hão de vir.

No reflexo dessa harmonia vaga, indefinivel que chamamos saudade ou esperança, vive a alegria pura. Porque tanto da saudade como da esperança se pôde tirar o bem de que precisamos para realçar na existencia que nos aguarda a suprema emoção do amor, que não pôde ser um tecido de duvidas ou de promessas vans, mas a realidade esplendorosa da vida.

O pensamento que falta ao estro dispersa-se no infinito, e o verdadeiro poeta é aquelle que sabe central-o no verso, como conceito ou imagem.

A duvida, ás vezes, é, tambem, um excellente auxiliar da obra d’arte. Muitos são os que encontraram nella a força que os tornou immortaes. Mas é mistér banal-a, como prégocira ou estimulo, deixando que o coração se dilate e se una

às cousas eternas da natureza subtil, de que é theatro o proprio pensamento.

Luiz Delfino era um dos raros poetas nossos que sabiam ver na obscuridade em que as cousas se obstinam em permanecer, não porque seja este o seu destino, mas porque não as podemos trazer ao proscenio e vel-as na pureza da sua fórmula maravilhosa.

Rir, conservando um pouco da grande dôr que nos avassala e que tem sido o crysol do nosso relativo aperfeiçoamento, é dever de todos. E' o sorriso de Musset; na amargura do extasi vive tambem uma parte da nossa consciencia. E' o que nos resta do passado, é o que nos ficou das nossas peregrinações por espheras innumeras, nas quaes procuramos os meios de reivindicar a nossa liberdade.

O pensamento não pôde ser extreme ainda. Os residuos das luctas travadas mantêm-se vigilantes na constituição moral de todos nós e são elles que dão o motivo às concepções literarias. Ora, dezenas de influencias obscuras se exercem nesse apparente chãos. Todas as nossas lagrimas, todas as nossas illusões, todas as nossas duvidas se originam do amalgame impuro que a acção da prece e da resignação não puderam destruir de todo.

Portanto, muitos devem ser os motivos da nossa inspiração, muitos os themas sobre que devemos assentar as nossas produções literarias.

O poeta é um mergulhador ousado. Quanto

mais fundo conseguir penetrar no oceano das suas proprias paixões, mais bellos serão os seus pensamentos, mais originaes os quadros da sua phantasia.

Não ergue o vôo que não tem azas, e quanto mais alto eleva-o, mais profundamente penetrará nas solidões da sua alma, no abysmo das suas reminiscencias, tanto mais intensas quanto mais audacioso fôr o mergulho no seu proprio passado.

E onde começara elle? Quem saberá contrasta-lo e conta-o num lance de imaginação, ou revela-o, serenamente, em um surto pela amplidão, tão vasta da sua existencia?

Poucos são os que logram distinguir essas imagens na obscuridade do scenario que a nossa memoria tão mal comporta.

Emtanto, se conseguem revivel-as, os aspectos da vida illuminam-se; novos arranjos saem do conjuncto mal delineado no fundo da nossa natureza moral.

Pintar todos esses effeitos de claridades insondaveis; reagir contra todos esses avassalamentos do nosso proprio passado, que não sabemos onde começara, ou em que correntes se prendera, é devêras trabalho arduo e penoso.

O poeta está em frente de um problema, cuja solução, sem ser definitiva, todavia exclue alguma cousa que nos era necessaria, attenta a precarieidade do nosso esforço para podermos attingir um grão mais elevado no meio das difficuldades, quasi insuperaveis, da existencia.

O contorno definido pelo lance victorioso rebrilha com mais força se mais fundo penetramos na dôr para realçar o valor do sacrificio.

Neste reside a imagem da redempção; e todos os recursos de que lançamos mão para contornar as difficuldades são salutaes, uma vez que o interesse seja unicamente levar a cabo a obra de reivindicção moral.

Por isso gemer por gemer, isto é, fazer do gemido uma declamação superficial, é não comprehender a vida, ou antes, a arte, que deve ser sempre um aspecto della. Gemer, em vez de ser uma afflicção do destino, deve ser uma demonstração resignada do nosso amor pelo que, por nossa culpa, malbaratamos.

Devemos receber a graça, supportando o fardo sem protestos vãos. Que obra prima excedeu a tormenta desencadeada sobre a cabeça de Job? Que pavoroso incendio lavrou com mais impetuosidade que esse que reduzio a cinzas todos os restos de uma antiquissima existencia, manifestada aos seus contemporaneos para que elles vissem até onde é capaz de chegar o sacrificio de uma alma, destinada a servir de exemplo ao mundo. Holo-causto bemdito, em que se despedaçam grilhões sem que ninguem o visse ou o julgasse. Quantas memorias gloriosas não foram beber nesse manancial de amor!

Job, como Izaías, como David, como Salomão, como João de Pathmos, como Christo, quantas gerações não aquecera com o seu genio, com

o seu poder suggestivo, com a sua arte original e inconfundivel!

A maior escola da poesia é a Biblia.

“O que nasceu mais incontestavelmente no sólo da Judéa, é esta literatura muito mais colorida e simples conjunctamente que todas as obras gregas, muito mais sobria que a literatura hindú, incomparavel modelo do que se poderia chamar o lyrismo realista; é que nos offerece, provavelmente com alguns psalmos hindús, o exemplo da mais alta poesia a que attingira a humanidade.

Os psalmos nutriram toda a poesia da Edade Média. No seculo XVII inspiraram tambem os ensaios lyricos de Corneille e de Racine, as estrophes de “Polyeucte” e da traducção da “Imitação”, os côros de “Esther” e de “Athalie”. De outro lado, Dante e Milton estão impregnados da Biblia. Do mesmo modo Bossuet e Pascal, os creadores da lingua franceza actual, os iniciadores do estylo moderno, caracterisado por uma grande familiaridade da expressão unida ao poder da imagem e da idéa.” A influencia da Biblia faz-se sentir mais successivamente no autor dos “Martyres” ou em Lamennais; vai até ao autor da “Salambô” e mesmo ao de “La Faute de l’Abbé Mouret”. A concepção da “Paradou” é uma mistura do “Genesis” e do “Cantico dos Canticos”, repassada dos arremessos mysticos dos psalmos e das lithanias da Virgem. Emfim, a influencia dos psalmos é mais sensivel ainda entre os lyricos, desde Alfredo

de Vigny e Lamartine, até Victor Hugo. Entre todos os poetas, o autor do "Ibo" e do "Plein Ciel" é o que se approxima mais dos poetas hebreus, de Izaias e de Ezequiel.

Assim, eis-nos em pleno céu, ou em pleno oceano. Que horizontes, que rumores estranhos, que visão angusta e incompreendida! A luz enche o espaço, a natureza ruidosamente se levanta nas vagas, balbuçia nas entranhas do abysmo e recomeça incessantemente o seu trabalho de recomposição dos elementos organicos.

*«Le savant dit: Comment? Le penseur dit: Pourquoi?
Passe ta vie
A labourer l'écume et l'onde.»*

Vasta elaboração, grandiosa metamorphose, que ha de descer do Invisível ao Visível, do Ideal ao Real. E por que o Ideal, se a realidade tem, como tudo, estados e correspondencias?

Será alguma cousa de inacessível na profundidade do barathro constellado? Não; o Real é uma fórmula do Ideal, a sua expressão, o indumento visível da indumentaria impalpável das forças, na sua apparente desordem.

Portanto, não façamos do ideal uma correspondencia, simplesmente abstracta; mas estabeleçamos, no que julgamos um producto da nossa imaginação, uma corrente de subordinações successivas, onde o pensamento encontre a fórmula da unidade absoluta.

A linha de successão vai do visível ao invisível; acha a sua razão de ser nas fórmulas que se

determinam em planos cada vez mais altos, de modo que um principio sae do outro, sem esforço, naturalmente, exprimindo lados oppostos da mesma substancia luminosa.

"Adorar o incompreensível", diz Victor Hugo!

Mas que é o incompreensível? Onde o deparara o obstinado fecundador de abysmos? Na alma, no céu, na obscuridade das estrellas, através os espaços ou no marulho do oceano?

O incompreensível é a visão erronea das cousas, vistas pela lente de um observador, que, antes de accender o clarão nas trevas, mergulhara nas ondas de inauditos pensamentos, cuja natureza se pervertera ao contacto dos máos elementos.

Em verdade, tudo é comprehensível. Quem está habituado a rever no mundo dos effeitos a scentelha que efflue de outro mundo, comprehende que a mesma cousa vai assumindo proporções que se complicam, precisamente, em virtude de circumstancias occasionaes, derivadas de um deslocamento gradual de atmospheras.

A mudança é, apenas, apparente. A realidade da essencia é transformada pela exuviabilidade do envolvero, que se vai adaptando ás necessidades da evolução.

Portanto, todos os grandes mysterios só o são para os que têm um conhecimento imperfeito da lei.

Não se adora, ou não se deve adorar o incompreensível, como diz Hugo. Para nós não ha nada incompreensível. Tudo se explica e sem grande poder de raciocínio. O que para alguns é metaphysico e nebuloso, para nós é evidente e claro. Toda a razão de ser das cousas reside na interpretação logica de accidentes, revelados por uma exegese, inspirada nas deducções dos philosophos, que foram além da lettra, instrumento adequado á Palavra, neste relanço obscuro da idéa, que é o Mundo natural.

Evidentemente, o que tornou mais forte e grandiosa a poesia de Hugo foi a preocupação do mysterio, a sua “defesa”, ou a sua representação, tanto no infinitamente pequeno, como no infinitamente grande, “dans le ciel lumineux et dans le ciel obscur, dans le jour et dans la nuit”.

D’ahi, o arrepio tragico sentido pela sua imaginação desatremada:

*L'horreur constellé et serein!
L'insondable
Au mur d'airain...
L'obscurité formidable
Du ciel serein.*

Vê-se que tudo isto indica uma profunda ignorancia do verdadeiro espirito de reacção e duvida agitando todas as camadas ou grãos da evolução do principio creador.

Sob este ponto de vista, a poesia de Lamar-tine é muito mais logica, muito mais alta, muito

mais verosimil que a do gigante das “Contemplations”.

A inacessibilidade de Deus, por exemplo, não exclue a perfeita comprehensão da sua existencia. Quanto mais elevada é a nossa hierarchia espirital mais comprehensível é a sua omnipotencia e é, certamente, essa comprehensibilidade que torna quasi visível o absoluto pelo relativo. Não vem a pello, aqui, informar como se relacionam os factos desenrolados nos successivos planos da Creação. Basta assignalar a profunda correspondencia que ha entre a vontade do Creador e os agentes de que elle se serve para pô-la em execução.

Ha, em Hugo, affirmações verdadeiramente tasmombrosas pelo inesperado da conclusão. Por exemplo:

Le ciel est profond comme la Mort.

Qual seria a idéa que o grande poeta tinha do céu? Essa abobada azul e estrellada, envolvendo o mundo? Parece que sim.

Emtanto, o céu, como o inferno, não passam de estados de consciencia, pontos ideaes e relativos que o homem de qualquer esphera mantem com os phenomenos mais elevados da vida universal. O céu, como o inferno, não estão aqui ou ali; mas em nós mesmos; é um producto do nosso aperfeiçoamento ou do nosso atrazo moral. Agora, essas duas extremidades do destino, sempre provisorio, da consciencia, tocam em pontos essen-

ciaes, que dominam o tempo, mas que acabam por se lhe submeter. A expansão espiritual do ser que penetra uma das camadas menos densas da immortalidade, é tanto maior quanto o seu estado comportar um numero mais elevado de idéas, e um conjuncto mais aperfeiçoado de sentimentos.

Toda a vida está no grão. Este é que é o céu ou o inferno.

Portanto, que horror nos pôde inspirar o primeiro, se é a expressão da felicidade, o nucleo de onde partem os raios que hão de, por fim, esclarecer a intelligencia do homem decahido?

Não ha obscuridades no caminho das reivindicações supremas da razão; mas uma cadeia de acontecimentos que vão imprimindo á cellula uma feição correspondente ao fluxo luminoso que a agitara no conjuncto universal das forças vivas do pensamento.

Eis ali umas considerações que me pareceram dignas de preceder ao estudo da obra poetica de Felix Pacheco.

Que semelhanças ha entre o delicado e terno cantor dos "Teares da casa verde" e o monotono sonhador dos "Pharoes" ou dos "Ultimos sonetos", em cujo primeiro quartetto deparo logo um erro de expressão. Não faz sentido, não corresponde o utimo verso ao pensamento da estrophe:

*O coração de todo o ser humano
Foi concebido para ter piedade,
Para olhar e sentir com caridade,
Ficar mais doce o eterno desengano.*

Vê-se que o que o poeta queria dizer era o seguinte :

O coração de todo o ser humano foi concebido para ter piedade, para olhar e sentir com caridade (verso, aliás, banalissimo), para tornar mais doce o eterno desengano.

E' isto o que se nos afigura. Como está, é um contrasenso, um disparate.

Não temos tempo para respigar, senão veriam de quanta impropriedade, de quanto defeito de fôrma, de quanta phantasia de baixo preço, de quanto lugar commun está inçado o livro, que Nestor Victor, na sua admiração extravasante, chamou um dos mais bellos da lingua portugueza.

Realmente, esses assomos de admiração deviam ter um freio, se estudassemos as obras dos poetas com mais calma e circumspecção.

Assignala Souza Bandeira como caracteristica dominante da geração a que pertence Felix Pacheco o mysticismo, o mysterio. Acha que é essa atmospherica lyrica da geração que succedeu a nossa. Não é verdade; mysticismo, mysterio, symbolo, tal como deve ser considerado, muita vez servio de lemma a paginas verdadeiramente dignas de serem lidas e meditadas pelos criticos de qualquer paiz, e que são patrimonio da geração a que temos a honra de pertencer.

Não foram outras as agnas cortadas pelos valentes timoneiros, á cuja pericia, arrojo e segurança devem os Novos o que possuem. Que mys-

terios, que enlevos, que extasis em Delfino, ou nesse tão pouco citado Vicente de Carvalho, cujo plectro não vemos quem possa ensombrar, na elevação, na originalidade, na pureza de fôrma, na verdade com que expõe os assumptos, pela flagrancia da idéa, do episodio, do conceito.

Ha muito que aprender neste mestre, dos mais lidimos, dos mais cultos, dos mais eloquentes.

Mui poucos, na lingua, se lhe egualam, quanto á vida, ao movimento, á dramatisação das suas produções.

Entre os que mais alto elevaram a poesia entre nós, justo é o não esquecermos. Sua imaginação, seu pensamento, seus conceitos, valem o que valem as melhores perolas do escritorio literario do Brasil, em todos os tempos.

Esquecel-o é commetter grave injustiça, ou antes, ferir a verdade no que ha de mais santo e respeitavel — a grandeza da idéa unida ao garbo e distincção da fôrma.

A arte sempre exerceu uma nobre influencia no destino dos homens e das sociedades.

Victor Hugo allude a ella em admiraveis evocações historicas, desde a mais alta antiguidade até ao proprio periodo em que a selvageria britannica é mais dura, mais aspera, mais violenta.

Qu'importam as calamidades sociaes, os erros humanos, a loucura dos reis, o tormento dos povos abatidos pelo despotismo dos chefes?

— A poesia superou sempre esses exaltamentos perigosos para traçar com firmeza e coragem a rota que deviam seguir os desterrados do bem.

“Ha dois poetas, o poeta do capricho e o poeta da logica; ha um terceiro poeta, composto de um e de outro, corrigindo-os um pelo outro, resumindo-os em uma entidade mais alta. São duas estatuas em uma só. Este terceiro é o primeiro. E' o capricho, segue-lhe o sopro. Ha logica, segue o dever. O primeiro escreve o “Cantico dos Canticos”, o segundo o “Levitico”, o terceiro os “Psalmos” e as “Prophecias”. O primeiro é Horacio, o segundo é Lucano, o terceiro é Juvenal. O primeiro é Pindaro, o segundo é Hesiodo, o terceiro é Homero.”

Em qualquer desses fastos, em qualquer desses descrimes, foi sempre o poeta uma predominancia irreductivel. Sua superioridade não aviltava, engrandecia a época, e unia os povos, tornando-os eguaes e responsaveis perante a suprema vontade e o supremo arbitro dos destinos humanos.

Em meio a effusão do sangue, ás luctas terribes da antiguidade e da Edade Média, a sua influencia sobrepujava o poder mesmo dos que iam á frente das massas reivindicar o direito e a liberdade conculcadas pelas ambições de outros povos, a quem faltava o esclarecimento e a fé indispensaveis á comprehensão dos nobres deveres a que estão obrigados, sem excepção, todos quantos trabalham pelo mesmo fim.

“A’ medida que se caminha para o Norte parece que a distensão da bruma augmenta o poeta. Na Escossia é enorme. Se alguma cousa excede a lenda dos rhapsodos é a lenda dos scaldas. A’ approximação de Eduardo, de Inglaterra, os bardos cobrem Sterling como os trezentos cobriam Sparta, tendo as suas Termopylas, eguaes ás de Leonidas.”

Toda historia repente essa supremacia; e não ha avalanche, nem catastrophe, nem dominio sanguinolento ou retrogrado que não acate aquella primasia, ou aquella maravilhosa superabundancia de sentimentos sobre a massa instinctiva das forças brutas, determinadas pelo mesmo impulso de destruição e de vingança.

Os bardos attrahem a solidariedade de todos os factores activos do progresso; é sob tão nobres auspicios que a razão collectiva se esclarece e o fundo ancestral se modifica.

No rigor das maiores provas, quando o flagello das dôres sem conta abatia sobre a cabeça dos homens, é realmente grato ver o poeta sobrelevar-se á muralha dos preconceitos e abarbar com as pretensões inimigas, afugentando-as.

Sempre a mesma lucta, sempre o mesmo triumpho!

Quando dizemos “A arte pela arte”, queremos comprehender a força de resistencia do ideal ás regras estabelecidas pelos pseudo-organisadores, á cuja influencia se desmantelam as sociedades e ruem os monumentos erguidos pelos pio-

neiros das santas liberdades em todos os tempos e em todos os paizes.

Esforços seculares são os que partem de uma harpa em erupção, de uma cratera congestionada, de uma labareda destinada a extinguir os depositos de antigos prejuizos affirmados nas leis deshumanas ou incompativeis com a natureza maleavel dos povos.

E’ assim que vemos os poetas resurgirem em todas as épocas vulcanisadas pelo attricto das aspirações desencontradas. Dir-se-hia virem de algum elemento anormal e extra-humano, a cuja ascendencia não ha fugir.

No immenso labyrintho das desigualdades sociaes fixam-se alguns traços que inculcam a razão de ser de certas tendencias e inspiram o melhor meio de se levar ávante umas tantas idéas, até então como que em esboço na consciencia dos mais afervorados em realizar os velhos sonhos, apanagio e escopo dos antigos cultores da Philo-sophia e do Direito.

Entre nós tambem houve sempre quem alumiasse, com seus hymnos, a estrada que vai ter ao Capitolio.

A Chanaan é, sem nenhuma duvida, algum desejo, cuja realização tentamos, com grande empenho. O fim de toda a consciencia é resplandecer na gloria, associar-se ao bem ou integrar-se no pensamento absoluto que inspira as obras humanas.

Que pretende a poesia de hoje no Brasil? O que pretendia a de hontem, em toda a parte e em todos os tempos. Realçar no conjuncto das trivialidades ou dos factos communs o traço essencial, a energia que, assumindo esta ou aquella maneira, este ou aquelle designio preeminente, acaba por envolver todos os impulsos superiores a que estão ligadas as intenções fundamentaes de uma época.

Felix Pacheco foi e será sempre um sonhador dos mais sinceros, um producto do meio enriquecido pelas correntes subterraneas que animam as melhores expressões da intelligencia. Caminha para o ideal ou pelo rythmo do verso ou pelo conceito expresso em fórmulas definidas, eloquentes, positivas, em que as idéas transparecem á luz de um raciocinio claro ou de uma imagem precisa.

“Eu, por mim, não adoptei a carreira sem aquella paixão recondita que é em tudo o segredo do exito”, di-nol-o no seu magnifico discurso por occasião de tomar posse da sua cadeira na Academia de Letras.

“Os espectaculos multiformes da vida e do progresso, affirma pouco adiante, com o seu tumulto e os seus rumores perceptíveis ou subterraneos, nunca foram obstaculos á florescencia das cousas bellas que perfumam o espirito e consolam a alma. Errará crassamente quem suppõe o jornalista profissional desligado dessas formosuras balsamicas, sem as quaes a terra seria um antro abjecto e o homem o mais miseravel dos seres.”

.....

“Não importa esse destino, na suppressão da vontade e da iniciativa, nem no apagamento definitivo do ideal. O ideal é a razão da vida.”

Sim, o ideal é a harmonia, é o congraçamento, é o combate pelo bem nas estancias do Vero, em que as consciencias se banham serenamente á grande luz emanada das forças incomparaveis e eternas que dirigem os pensamentos humanos.

Houve quem exprimisse profundamente esse relanço supremo do destino. O que se quer, ou o que nos exalta na fé dos commettimentos mais logicos e secretos é a concordia condensada em felicidade, a civilisação resumida em harmonia. Este sonho foi um crime no seculo XVIII. Imagine-se seculos atraz. Seja como fôr, o ideal é a permanencia no espirito de egualdade e de fraternidade sobre que repousa a fórmula politica sobre a qual o Christianismo ergueu o seu monumento.

Provada razão teve Felix em concluir que “sem elle (o ideal), como sem a luz, tudo se afo-garia no amalgama impreciso e indefinido, onde as cousas e as idéas perdem os seus contornos e fórmulas, sumindo-se na confusão cahotica, que nada exprime ou significa. E’ pelo ideal que o homem se levanta da terra e anda e trabalha e pensa, amando, rindo e soffrendo, na fé como na desesperança, com a plenitude consciente da sua fortuna vária.”

Depois de esculpir o ideal em duas ou três phrases terças, olympicas, lapidares, Felix conclue: "A terra inteira é vibração e poesia. O homem precisa ser o sentimento e o sonho, carregando as suas azas leves e irisadas através de todas as futilidades afanosas que o preocupam."

Em verdade, é mistér sorrir ás visões consoladoras que não vêem os olhos materiaes, mas que nem por isso deixam de ser menos reaes que as que perambulam sob a égide da consciencie limitada por uma fórmula concreta e palpavel.

Lançam-se a longe as maravilhas do mundo espiritual, mas não desaparecem do concerto das cousas vedadas ao homem. Porque não ha impedimentos á marcha do entendimento para o seu foco.

A poesia, o quadro em que fechamos a visão augusta e ineffavel, descida do seu pedestal para vir ajudar os corações a subir a ingreme montanha de onde se descortina o Paraíso, a poesia, repetimos, é o nexa entre o deserto immenso que nos cerca, emquanto presos á materia, e as clariidades que se vão accentuando á medida que nos vamos libertando de todas as preocupações inglorias da vida de relação.

Por isso, razão tem Felix Pacheco em exclamar: "Se alguma vez lhe acontece perder essa força mysteriosa e omnimoda (o ideal), que resume o segredo de todas as victorias, o que lhe cumpre é tocar de novo, como Antheu, o solo sagrado e receber outra vez o generoso alento, reerguendo-se da quêda com redobrado vigor."

A' proporção que se augmenta o campo da visão artistica, mais fundo é o sentimento que devemos ter da nossa propria perfeição. Infelizmente, assim não acontece. Os grandes artistas nem sempre são exemplares de nobres intuitos e severos cumpridores da lei, fazendo da moral o meio unico de escaparmos aos perigos das occurencias insolitas, e procurando por todos os modos reagir contra o dominio das paixões grosseiras.

Effectivamente, a nossa natureza psychologica se assemelha bastante á constituição dos terrenos que foram acamando os diversos circulos da evolução planetaria.

Varios nucleos jorram dessa apparente inercia geologica. Parece que tudo dorme desde os terrenos de alluvião até ao granito em que assenta a ordem, revelada na immobildade secular dos elementos.

Emtanto, que trabalho insano e inexistente!

Nem um só momento de descanso, nem uma só tregoa aos colossos que desbravam o caminho ás energias occultas do espirito a agitar-se no cascalho ou no schisto.

A feição geral, contudo, accusa a mesma alma dominada por soluções differentes: a necessidade de tudo reverter ao fluido luminoso.

Qu'importam as superposições mais ou menos refractarias ao impulso intrinseco da vida, se tudo acaba por subordinar-se á erupção vulca-

nica das lavas accumuladas em cada galeria recondita do pensamento petrificado?

A par dessas erupções mais á flor, outras e outras se subdividem, consoante o tempo. A morphologia espiritual toma aspectos multiplos: aqui, é flor; além, quartzo; mais adeante, granito.

Isto não impede que, em substancia, não seja a mesma unidade a serviço da lei que tem por fim accentuar os traços do spectrum e gradual-o ás differentes funcções do organismo, uma vez posto sob a acção de forças, por seu turno, decompostas e adaptadas ás circumstancias eventuaes da evolução.

Em summa, o ideal não é nenhuma solução abstracta aos anseios da nossa afflictiva situação, creado como refrigerio ás durezas da realidade. Não; é um estagio á contemplação de novos horizontes; a affirmação da realidade ou um plano a conquistar; o embryão de uma nova planta; o céo de uma nova idéa.

Postas de parte estas considerações, é preciso ver o poeta tal qual é, simples, natural, esmerado na expressão do seu pensamento, brillante no modo como emmoldura as paysagens interiores que lhe vão assomando, lentamente, ás irradiações de um sol indefinido, mas tão real como este que nos aquece com seus raios e encorajamos para o trabalho e a victoria.

Não se lhe descubrem mais influencias funestas, imprecisões de vocabulario, idyosinercias

amorosas, effeitos lubricos da mesma depliscencia, do mesmo incontido desejo.

Se falla com admiração, ainda, de seus poetas, dos seus companheiros, dos seus genios, Felix já os não envolve no fumo de lamentaveis abusões, já os não adorna com as melhores flores do seu enthusiasmo. Seu verso sente-se mais livre; canta com mais effusão, jorra com mais impeto. Mesmo nas visões tredas ou horrificas que, de quando em quando, venham empanar ou quebrar a harmonia serena do seu estro, a expressão é nova, pessoal, haurida em fonte segura.

No "Painel Macabro", por exemplo, poder-se-ia deparar algum fauno lúrido, escapeo das estufas dos decadentes, em busca de novas sensações, ou alguma dessas figuras impudicas á espera do beijo erotico e immundo de algum satyro.

Emtanto, a sua musa passa sem se lembrar dos perigosos companheiros que foram os primeiros exaltamentos da sua mocidade. Vae só; e canta sem precisar que outrem lhe dê o modelo, o rythmo, a nuança, a scentella.

Se a admiração por alguns poetas ainda resembra de suas paysagens, já vem velada e discretamente exposta. Não farfallha como d'antes; sabe conter-se e medir o valor ás palavras.

Se bem chame Cruz e Souza "genio maravilhoso" (é inaudito!), "estheta delicadissimo", "negro admiravel", não oureja no dithyrambo faceito em que a mediocridade poetica do catharinense sussurra em alcunhas hyperbolicas, como:

“Incomparavel Eleito”, “Archanjo Rebellado”, “Glorioso artista”, “Ser Privilegiado”, “Magoado Eleito”, “Semi-Deus”.

Que será isto? Que tormenta insidiosa assim desgarrou nave tão alta e segura?

Mas o bom senso de Felix Pacheco já se revelara desde cedo! E se, ao revez, houvesse, como outros, gosado longa e demoradamente os vícios, aliás tão communs na idade dos sonhos e das loucuras, não lograra subir tão depressa ao elevado posto que hoje occupa no “Jornal do Commercio”.

Foi uma phantasia como outra qualquer. Acompanhou um grupo que, oppondo-se á corrente de sympathias geraes por alguns poetas da mesma geração que Cruz e Souza, levou a sua rebeldia a ponto de eleva-lo acima dos melhores rimadores da grande geração dos Vicente de Carvalho, dos Alberto de Oliveira, dos Augusto de Lima, dos Olavo Bilac, dos Raymundo Corrêa, etc., etc.

Essa intensidade, essa revolta de aspirações e desejos insatisfeitos, porque o meio era, de facto, infenso ao autor dos “Pharões” redunda em uma queixa sincera, mas injusta contra o indifferentismo da platêa. E, em Felix, o expoente máximo do grupo, resistio e resôa ainda, em meio á vida turbilhonante das suas novas impressões.

As lembranças das luctas travadas, das idéas suscitadas pelos erros d’outr’ora, são residuos que permanecem no fundo d’alma; não se extinguem facilmente. São elles que criam no ambiente espiritual em que trabalha o nosso eu essas socieda-

des, esses nucleos de elementos subjectivos que fazem de cada um de nós um palco estranho.

Ora bem, essas figuras que outr’ora viveram no espirito de Felix Pacheco, que contribuíram, a seu modo, para lhe dar uma feição ou um traço essencial, não morreram. Do fundo cahotico em que se movem as nossas espheras recalçadas, como terrenos em séries perfeitamente superpostas, resurgem esses phantasmas do passado, tentando dominar as vozes do presente.

São os velhos residuos que assumem attitudes e agem, sem que ninguém possa empecel-os. A voragem resôa no frenesi dos duendes rebellados contra as novas idéas que pretendem fazel-os calar. Mas, sendo ainda mui vivas as emanções desses depositos psychologicos, a consciencia actual não logra emmudecer a algazarra dos elementos subvertidos.

E’ assim que vemos um espirito lucido e ponderadissimo, como o de Felix Pacheco, chamar ainda hoje Semi-Deus e Genio quem não pôde de maneira alguma hombrear com os grandes poetas da sua geração.

Não nos parece ter sido na época desses exa-geros sexquipedaes, no vortice dessas anomalias, a que estão condemnadas as imaginações e os plectros, sorprendidos pela fragrancia de uma missão tutelar, que começou verdadeiramente a obra poetica de Felix Pacheco, como se afigura ao illustre academico a quem coube dirigir-lhe as pala-

vras de bôa-vinda na sessão de 14 de Agosto de 1914.

Não, foi o tempo, foram os esclarecimentos que elle traz e põe na alma de cada um de nós. Reparai, nem a menor semelhança entre Felix e o seu idolo.

Por que o poz á margem? Não nos esquecemos nunca de quem amamos e nos captivou pela sua superioridade literaria, pela originalidade e força dos seus pensamentos, quando ainda procuravamos o bordão a que nos deviamos apoiar.

Se o lançou de si é que lhe não era indispensavel. E em boa hora o fez. Creou mais cordas o seu instrumento e vibrou mais alto a sua imaginação. Ahi estão innumeradas produções para o attestarem, principalmente este bellissimo soneto — “Extranhas Lagrimas”, sem exaggero, um dos mais perfeitos da nossa lingua.

Não resistimos ao prazer de citá-lo:

*Lagrimas... Noutras épocas verti-as.
Não tinha o olhar enxuto como agora.
Alma, dizia então commigo, chora,
Que o pranto afoga e annulla as agonias.*

*Ah! quantas vezes, pelas faces frias,
Por mal de meu amor, que se ia embora,
Gotta a gotta, rolando, ellas outr'ora,
Marcaram noites e marcaram dias!*

*Vinham do oceano d'alma immenso e fundo,
Ondas de angustia em suspiroso arranco,
Numa desesperança acerba e louca.*

*Nos olhos hoje as lagrimas estanco:
Rolam, porém, sem que as descubra o mundo,
Sob a fórma de risos, pela bocca,*

Bem posta a alma nesse segredo introvertido da nuança, obscurecida pelo disfarce da emoção dolorosa!

E é assim quasi sempre. Definio-o e accentuou bem Metastasio em uma das suas lyricas encantadoras, traduzida com profunda magua pelo nosso Raymundo Corrêa, sob o titulo de “Mal secreto”.

Bem apanhada a flôr no vergel recondito em que apraz ao pensamento diluir-se em afflicção delicada. A mimosa planta prefere sorrir para melhor realçar a belleza do seu pudor, ou distrahir-se de seu rumo de sombras e de espinhos.

E' mais puro o entrecho; mais bello o declive, mais alumiado o proscenio.

O riso em vez das lagrimas. Eil-o um quadro de resignada formosura, em que a alma toca um dos extremos da vida, abroquelada n'um movimento de submissão e de graça, tirando á dôr um dos seus exaltamentos communs e substituindo-o pela expressão em que a alegria se exalta para fazer-se conhecida aos que a aguardam.

A luz não falta ao quadro. O claro-obscuró é suggestivo. Afoitou-se o plectro a lançar-se ao dedalo, onde pungem visões, que vieram, quem sabe d'onde?

O suspiroso arranco; a victoria do ser, captivo em um dos circulos do seu progredir incessante, para o fim de recompôr as suas vestes illudadas no arro das misérias terrenas, pelo abraço

de milhares de polvos que o obstaram de seguir a derrota que as condições da sua contingencia lhe traçaram, em meio á desordem de suas successivas existencias!

Sim, arranco, de facto, que a alma liberta em um despedaçar de paixões, em um revolver de entranhas, a mudarem o aspecto das cousas e a forcarem o destino a ceder, por mais duro e tenaz que se nos afigure o aresto terrível.

Enfim, a alma ha de partir gloriosamente, mas sorrindo assim, sob a fórma de risos, pela bocca. Nada sobreleva a esse lance extranho, signal de resignação, disfarce da provação a raiar no bem, calor da esperanza em seio oppresso. raio de luz na noite dos nossos desenganos.

E' feliz, emtanto, o poeta. Feliz! Quem o será na hora dos sacrificios? Não é a terra logar onde se colham bens, mas penas. Azas não ha nos ergastulos sombrios, mas nas eminencias varridas pelos ventos ou transfiguradas pelos raios. Bem o sabe que a felicidade não é planta que floresça entre campas e sudarios. Na luz santa do amor é que palpita e ha de florear. O humus da terra não teve forças para fazer sahir das suas entranhas o exemplar luminoso. A natureza d'aqui é um simulacro da Energia irradiante. Só exubera em specimens, primorosos apenas aos sentidos physicos. No mais, meu Deus, que esforço para conseguir que a luz brote do galho, e se faça flôr, e, depois, fructo!

Mas não se cifra n'aquelle bello soneto o que

vibra na imaginação, no gosto atilado, na expressão polida e elegante do enamorado cinzelador.

Não; outras clareiras ha por onde se enfia o céo e se desata a allegoria.

Lá estão o "Paraiso Perdido", a "Sereia desencantada", a "Canção do Louco", os "Dramas interiores", "Ruinas", etc., etc.

Na "Liberdade" ha sempre a escravidão.

*Eis-me liberto enfim das vis algemas
Que eram minha vergonha e meu tormento.*

Ha alguma cousa de novo, tentando espancar as trevas do caminho:

*Novos rumos á vida, novos lemmas,
Nova bandeira desfraldada ao vento!
Não vale o captivo um só lamento,
Não chores, vencedor! Alma, não tremas!*

Jacta-se o poeta de possuir uma alma forte. Imprecá, conclama, accende lumes na estrada. Avante! Vai ao encontro de uma sombra. Põe em contribuição todos os motivos da injuria irrogada, e a dominadora d'outr'ora, purificada, por fim, postula a clemencia e o perdão, que não soube dar, quando viva.

O poeta, porém, a seu turno, recusa-se a conceder-lh'os. Mas é uma morta quem lh'os implora... Embora!

De que serve o perdão para a caveira?

Oh! não! Mas o tábido e sinistro arremedo é uma evocação, uma memoria que póde tornar-se

augusta ou repellente consoante o nosso desejo, ou predisposição em que ficaram as sombras colhidas pelo drama n'um impulso heroico!...

O martyrio da cruz não se permite a ninguém; antes se o deve evitar com a intervenção tutelar do nosso amor, do nosso desinteresse, da nossa solidariedade.

Na effusão do bem ha tanto espinho a arrançar, tanta algema a partir, tanto lume a accender, que mais rico é o florão que impede a dôr do que o brado que impetra o perdão, o esquecimento da injuria.

Maior gloria ha no deferir que no recusar.

Atraz da caveira agita-se uma alma presa, ainda, aos maleficios das vicissitudes de outros tempos, quando as vaidades e embelecões das paixões assombravam o caminho da bemaventurança.

Sorrir á flor que se quer tocar com esse clarão é o dever do poeta, repassado das alegrias do porvir, da uneção religiosa que uma inspiração providente deixou nos agros da nossa incredulidade e indiferença.

E quem, aliás, se conforta nas harmonias de um "Luar de amor", tão terno, ás musas, tão grato a Stesichore ou Tibulo, não falla com essa voz implacavel, não pune com essa dureza e inexorabilidade.

*Quem não sentio jamais dentro do peito
O doce luar de amor que tuas anima,
Conheça embora os sons e saiba a rima,
Poeta não foi nem musico perfeito!*

Sem duvida, a alma precisa saturar-se dessa emanação subtil que, de emotas paragens provin-do, conserva da origem impecavel o galardão e a graça.

O' Deus, quem o dissera! De vosso proprio ser emana a uneção dadivosa. E em vós reside a doçura infinita que se patenteia na emoção que aquelle contacto desperta. Em vós, sómente. Pois que vós sois o Amor e a Intelligencia, e é pela aproximação da vossa esphera que nos elevamos á gloria.

A musica que Schiller sentia avolumar-se-lhe no ser espiritual é o mesmo luar a que Felix Pacheco allude no magnifico soneto.

Schiller tinha-a como um signal da presença do Creador nas effusões intimas do seu coração. Entre os cimelios da sua organização poetica alumia-se esse como o traço de união entre elle e Deus. E era da orchestração de todas as suas dôres, reminiscencias, saudades, esperanças e duvidas, que brotava o luar de amor, entecido nos effluvios do mais santo recolhimento. Esta é a musica que os poetas ouvem, esse o sonho que elles perseguem.

Na morada do ideal ha lugar para todos. Procure cada um afinar a sua lyra, pois cada homem é um poeta, uma vez que a pureza dos seus sentimentos possa immergir no fluido onde as vibrações mais harmoniosas preparam os elementos que devem constituir o som na estancia a cujos penetraes não é dado a luz descer, cercada dos segre-

dos que a tornam o mais extraordinario dos escriptos espirituaes.

A manifestação da luz pelo som é uma decomposição necessaria, de modo que se lhe não esmaecça um dos matizes mais bellos.

O som é, com effeito, uma certa projecção do fluido colorido. Estudando-se o conteúdo de uma vibração, facil fôra descobrir-lhe a nuança especifica, se nos pudessemos abalancar a uma tal experiencia. Só depois de uma longa e pertinaz transformação logramos extremar o matiz destinado a produzir o som, na atmosphera de cada planeta.

Estas idéas devem ser vulgarisadas e já a ellas nos reportamos em estudo subordinado ao titulo — “Concepção extatica da Poesia”.

No prefacio com que Euclides da Cunha exalta os “Poemas e Canções” de Vicente de Carvalho ha o seguinte trecho: “Assim nos andamos nós — do realismo para o sonho, e deste para aquelle, na oscillação perpetua das duvidas, sem que se possa differenciar na obscura zona neutral e alongada á beira do desconhecido, o poeta que spiritualisa a realidade do naturalista que tactêa o mysterio.”

Sem nehuma duvida, a nossa idealisação é mul parca de concepções originaes. O ideal é uma natureza, a cujos seios se pôde pedir o leite nutridor, a força impulsora, abrindo campo a novas ex-

periencias. A natureza physica, accrescida de alguns elementos mais, não é a pura fonte a que almejamos levar o nosso espirito, para que da massa das suas energias se extraia a quantidade de alimento necessaria á nossa conservação, como intelligencia, ao nosso dominio, como artistas.

Dessa experiencia, aliás justa, conclue Euclides que “apeamo-nos, então, acobardados, dessas presumptuosas cogitações. Enconchamo-nos timidos no esconderijo de uma especialidade. Constringimos a alma. Moralisamos rasamente a vida, evitando a grande embriaguez dionysica da vida. Renuimos as phantasias perigosas; utilitamos-nos... E ao cabo de tamanho esforço para descermos até ao fastigio do massiço senso commun conservador e timorato, — vemos com espanto que mesmo no terra-a-terra da actividade profissional, todas as asperezas das nossas formulas empiricas e os traços vigorosos do tira-linhas ainda se nos sobredoiram de um recalcitrante idealismo. No pedaço de carvão de pedra, que accendemos na fornalha de uma locomotiva, reaccendemos muitos raios do sol extinto ha millenios. A locomotiva parte e não concretiza apenas o mytho poetico de Phaetonte. O que mais nos encanta é a imagem fulgurante da Força renascendo e restaurando ao mesmo passo esplendores de tantas auroras apagadas!”

São palavras justas. Não ha desatremar dessa linha espiritual, em que todas as vagas se desenhavam e accorrem para o mesmo plano feito de

massas invisíveis. Dessa invisibilidade, onde se acolhe o ideal, surgem e se sobrepõem outras tantas linhas quantas necessárias para que o character essencial da cousa assuma uma fôrma concreta e palpavel.

Não ha quem não idealise a seu modo. Primeiro, porque um objecto por mais tosco que nos nareça, encerra outros a expungil-o das abieccões da realidade material. Segundo porque, no homem apparente, muitos outros se alinham, até que se defina vigorosamente a textura do ser harmonico e perfeito.

Essa harmonia é que chamamos ideal. Quanto menor ou escassa fôr a plenitude material que reveste os diversos grãos, nos quaes se concentra a realidade insubmissa e vivida, mais vibrará a intelligencia nas chammas dos aspectos multiplos da natureza invisivel.

Quanto mais facil fôr o mergulho nas claridades ou auroras sempiternas do bem, que é o ideal em essencia, mais apto o espirito a essas surpresas da creação a succederem-se indefinidamente, de diagramma em diagramma, de potencia em potencia.

O idealismo é recalcitrante porque é sempre uma correspondencia, uma imagem translucida da realidade desconhecida. O que faz a perpetuação da idéa é o symbolo. Em cada nucleo ou avatar da corrente magica, a que todos os phenomenos obedecem, resplandesce invariavelmente um traço que define ou resume um aspecto da vontade.

Dest'arte, afloramos a cada instante em alguma das muitas espheras em que trabalha o pensamento, ou que elle condensa para poder desenhar as forças subsidiarias do progresso. Revolve massas inauditas e colossaes, carreando-as a centros que precisam de se expandir e coordenar de modo a que fôrmas mais accentuadas ardam no desejo irreprimivel de se unir ao Todo.

E' este um ponto novo a que devemos attender, para que se julgue com clareza do poderoso influxo da idéa, que não permite a ninguem satisfazer-se só com o que vê. D'ahi, o milagre do tira-linhas a sobredoirar-se de um recalcitrante idealismo, e o pedaço de carvão a transmudar-se aos proprios olhos do empirico em raios de sol extinto ha millenios.

Os pensamentos são planos mais ou menos obscuros a que a lei imprime o seu cunho, segundo a disposição geral do órgão que o reveste. Nas grandes épocas em que se fundiam admiravelmente a razão e a imaginação, os factos, mesmo normaes da natureza, não andavam sem um symbolo que os poetisasse.

Vêde como o grego celebrava os seus fastos ou revivia as maravilhas que as leis iam creando e equilibrando em meio ás correntes oppostas a se entrechocarem no campo das harmonias eternas. De cada lei natural fazia um deus. Por isso é que a Mythologia é o symbolismo por excellencia.

Cada lei representada por um deus agia no conjuncto das cousas, mas todos os deuses estavam submettidos ao Destino, actuando acima delles.

Eis a razão por que em um dos nossos trabalhos affirmamos não haver tal um polytheismo greco-romano, mas uma fórmula romantica do monothetismo, sendo que a “Illiada” e a “Odysséa” representavam um estado da civilização hellenica em que os povos haviam realizado muitos dos seus extraordinarios emprehndimentos. Já se não agitavam no incunabulo das fórmulas preparatorias, mas conscientemente agiam, dando aos problemas da industria, do commercio, das artes e da religião um caracter vigoroso, definido, superior ás contingencias do meio, que nem sempre correspondia ao maravilhoso adeantamente de uma certa parte da sociedade.

Pondo, porém, de lado, agora, essas elocubrações, sobre as quaes insistiremos mais tarde, restanos, lamentando a profusão de sonetos da obra de Felix Pacheco, enviar-lhe as nossas sinceras congratulações. Muito ha a admirar nella, e a sua “Ignezita”, que acabamos de ler, é um mimo de graça, de frescura, de inspiração gentil.

Sobreleva no conjuncto o enfeito de uma illuminura longinqua, a diluir-se n’um embevecimento sem competencia. A luz vibra além, mas os tons auroraes se vão entretecendo até que a faixa resplandece n’uma profusão allegorica quasi divina...

O clarão sobe e a miragem apparece nimbanda de fulgorantissima joalharia.

De que prodigios não será capaz o amor paterno, servido por uma lyra inspirada? Olhemos do alto: a esperança lá está, bemfazeja e santa. Cáiam sobre ella, pois, as flores, taes como as idealisam o amor do pai e o sonho do poeta...

Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.